

SOBRE O ESTADO [*]

V. I. Lênin

Camaradas, o objeto da nossa conversa de hoje, segundo o plano que foi adotado por vós que me foi comunicado, é a questão do Estado. Não sei até eu ponto estais já familiarizados com esta questão. Se não me engano, os vossos cursos estão apenas a começar e é a primeira vez que abordais esta questão de um modo sistemático. Se é assim, é muito possível que na primeira conferência sobre esta difícil questão eu não consiga tornar a minha exposição suficientemente clara e compreensível para muitos dos ouvintes. E se assim suceder, peço-vos que não vos perturbeis por isso, porque a questão do Estado é uma das mais complexas, mais difíceis e, talvez a mais embrulhada pelos eruditos, escritores e filósofos burgueses. Por isso nunca se deve esperar que se possa numa breve conversa e de uma só vez alcançar um completo esclarecimento desta questão. Deve-se, depois da primeira conversa sobre isto, apontar os pontos que não foram compreendidos ou que não ficaram claros, para voltar a eles segunda, terceira e quarta vez, a fim de completar e esclarecer mais tarde, tanto por meio de leituras como de conferências e palestras, aquilo que não tiver sido compreendido. Tenho a esperança de que consigamos reunir-nos outra vez e possamos então trocar opiniões sobre todas as questões adicionais e verificar aquilo que ficou menos claro. Espero também que, como complemento às conferências e palestras, dediqueis algum tempo à leitura, pelo menos de algumas obras fundamentais de Marx e Engels. Sem dúvida que na lista de livros e nos manuais postos à disposição dos estudantes da escola soviética e do partido na vossa biblioteca, encontrareis inevitavelmente estas obras principais, e embora, mais uma vez, a dificuldade da exposição possa a princípio assustar alguns, devo prevenir-vos uma vez mais que isso não deve perturbar-vos, que aquilo que não é compreendido à primeira leitura o será à segunda ou quando abordardes a questão posteriormente de um ângulo algo diferente, pois, mais uma vez repito, a questão é tão complexa e foi tão embrulhada pelos eruditos e escritores burgueses que todo aquele que quiser meditar seriamente sobre ela e assimilá-la por si, tem de abordar esta questão várias vezes, voltar a ela uma e outra vez, considerar a questão sob diversos ângulos, a fim de conseguir uma compreensão clara e firme. E ser-vos-á tanto mais fácil voltar a esta questão quanto se trata de uma questão tão básica, tão fundamental de toda a política, que não só em tempos tão agitados, tão tempestuosos, de revolução, como os que agora atravessamos, mas também nos tempos mais pacíficos, em qualquer jornal que trate de qualquer questão econômica ou política tropeçareis diariamente com a questão: o que é o Estado, em que consiste a sua essência, em que consiste a sua importância e qual a atitude do nosso partido, do partido que luta pela derrubada do capitalismo, do partido dos comunistas, qual a sua atitude em relação ao Estado - esta é uma questão à qual, por um ou por outro motivo, tereis que voltar todos os dias. E o essencial é que, como resultado das vossas leituras, das palestras e conferências que escutareis sobre o Estado, ganheis capacidade para abordar por vós próprios esta questão, pois encontrareis esta questão pelos mais diversos motivos, em cada pequena questão, nas combinações mais inesperadas, nas conversas e discussões com adversários. Só quando tiverdes aprendido a orientar-vos por vós próprios nesta questão podereis considerar-vos suficientemente firmes nas vossas convicções e podereis defendê-las com suficiente êxito perante quem quer que seja e em qualquer momento.

Depois destas breves observações passarei à própria questão: o que é o Estado, como surgiu e qual deve ser, no essencial, a atitude perante o Estado do partido da classe operária, que luta pela derrubada completa do capitalismo, o partido dos comunistas.

Já disse que dificilmente se encontrará outra questão tão embrulhada, deliberadamente ou não, pelos representantes da ciência, da filosofia, da jurisprudência, da economia política e da publicística burguesas, como a questão do Estado. Mesmo hoje se confunde com muita freqüência esta questão com as questões religiosas, muitas vezes não só os representantes das doutrinas religiosas (desses é completamente natural esperá-lo), mas também pessoas que se consideram livres de preconceitos religiosos confundem a questão específica do Estado com as questões da religião e procuram elaborar uma teoria - muitas vezes complexa, com uma abordagem e uma fundamentação ideológica e filosófica - segundo a qual o Estado seria algo de divino, algo de sobrenatural, uma certa força graças à qual a humanidade tem vivido e que dá, ou deve dar às pessoas, traz em si algo que não é humano, mas que lhe é dado de fora, uma força de origem divina. E deve dizer-se que esta teoria esta tão intimamente entrelaçada com os interesses das classes exploradoras - os latifundiários e capitalistas - serve de tal modo os seus interesses e penetrou tão profundamente em todos os costumes, em todas as concepções e em toda a ciência dos senhores representantes da burguesia, que a cada passo encontrareis vestígios dela, mesmo na concepção do Estado dos mencheviques [1] e dos socialistas-revolucionários [2], que rejeitam com indignação a idéia de que estão dependentes de preconceitos religiosos e estão convencidos de que podem encarar o Estado de modo sensato. Esta questão foi tão embrulhada e complicada porque ela (e neste aspecto só a ultrapassam os fundamentos da ciência econômica) afeta os interesses das classes dominantes mais do que qualquer outra questão. A teoria do Estado serve para justificar os privilégios sociais, para justificar a existência da exploração, para justificar a existência do capitalismo - eis porque seria o maior dos erros esperar imparcialidade nesta questão, abordar esta questão como se as pessoas que se reclamam da objetividade científica pudessem dar-nos aqui o ponto de vista da ciência pura. Na questão do Estado, na doutrina do Estado, na teoria do Estado, vereis sempre, quando vos familiarizardes com a questão e a tiverdes aprofundado suficientemente, vereis sempre a luta das diferentes classes entre si, luta que se reflete ou encontra a sua expressão na luta de concepções sobre o Estado, na apreciação do papel e da importância do Estado.

.....
.....

O Estado é uma máquina para a opressão de uma classe por outra, uma máquina para manter submetidas a uma só classe outras classes subordinadas. A forma desta máquina pode variar. No Estado escravista temos a monarquia, a república aristocrática, ou mesmo a república democrática. Na realidade, as formas de governo eram extraordinariamente variadas, mas a essência continuava a ser sempre a mesma: os escravos não tinham quaisquer direitos e continuavam a ser uma classe oprimida, não eram reconhecidos como pessoas. Vemos a mesma coisa também no Estado feudal.

A modificação da forma de exploração transformou o Estado escravista em feudal. Isto teve uma importância enorme. Na sociedade escravista reinava a absoluta falta de direitos do escravo, ele não era reconhecido como homem; na sociedade feudal reinava a adscrição do camponês à terra. O traço fundamental do regime de servidão era que o camponês (e os camponeses constituíam então a maioria, a população das cidades estava muito pouco desenvolvida) estava preso à terra, e daí o próprio conceito de servidão. O camponês podia trabalhar um determinado número de dias para si próprio, na parcela de terra que lhe era entregue pelo latifundiário, e o resto do tempo o

camponês servo trabalhava para o senhor. Subsistia a essência da sociedade de classes: a sociedade apoiava-se na exploração de classe. Só os latifundiários podiam gozar de plenos direitos; os camponeses estavam privados deles. Na prática, a sua situação diferia muito pouco da situação dos escravos no Estado escravista. Contudo, abria-se um caminho mais amplo para a sua libertação, para a libertação dos camponeses, visto que o camponês servo não era considerado propriedade direta do latifundiário. Ele podia empregar uma parte do tempo na sua parcela, podia, por assim dizer, pertencer em certa medida a si mesmo; e, com uma possibilidade mais vasta de desenvolvimento da troca, das relações comerciais; o regime de servidão ia-se decompondo cada vez mais e ia-se alargando o círculo de emancipação do campesinato. A sociedade feudal foi sempre mais complexa que a sociedade escravista. Nela existia um grande elemento de desenvolvimento do comércio e da indústria, que conduzia já nesse tempo ao capitalismo. Na Idade Média, o regime de servidão predominava. E também aqui as formas de Estado eram muito variadas; também aqui temos a monarquia e a república, embora esta tivesse uma expressão mais fraca; mas só os latifundiários feudais eram sempre reconhecidos como dominantes. Os camponeses servos estavam absolutamente privados de qualquer direito político.

Tanto sob o escravismo como sob a servidão, o domínio de uma pequena minoria de homens sobre a enorme maioria não podia prescindir da coação. Toda a história está cheia de ininterruptas tentativas das classes oprimidas para derrubar a opressão. A história do escravismo registra guerras que duraram muitos decênios pela libertação da escravidão. Diga-se de passagem que o nome de "spartakistas", adotado agora pelos comunistas da Alemanha - único partido alemão que luta verdadeiramente contra o jugo do capitalismo - este nome foi adotado por eles porque Espártaco foi um dos heróis mais destacados de uma das maiores insurreições de escravos, há uns dois milênios. Durante uma série de anos, o aparentemente todo-poderoso Império Romano, inteiramente baseado na escravidão, sofreu os abalos e golpes da enorme insurreição dos escravos, que se armaram e se agruparam sob a direção de Espártaco, formando um enorme exército. No final foram derrotados, feitos prisioneiros e torturados pelos escravistas. Estas guerras civis verificam-se através de toda a história da existência da sociedade de classes. Acabo de citar o exemplo da maior dessas guerras civis na época da escravidão. Toda a época do regime de servidão está igualmente cheia de constantes insurreições camponesas. Na Alemanha, por exemplo, a luta entre as duas classes, entre os latifundiários e os servos, adquiriu na Idade Média grandes proporções e transformou-se numa guerra civil dos camponeses contra os feudais. Todos vós conheceis também na Rússia exemplos de numerosas insurreições semelhantes dos camponeses contra os latifundiários feudais.

Para manter o seu domínio, para conservar o seu poder, o latifundiário necessitava de um aparelho que unisse em submissão a ele um grande número de pessoas, que as submetesse a certas leis e normas - e todas estas leis se reduziam, no fundamental, a um só objetivo: manter o poder do latifundiário sobre o camponês servo. Tal era precisamente o Estado feudal, que, na Rússia, por exemplo, ou nos países asiáticos muito atrasados onde ainda hoje domina o feudalismo - distinguia-se pela sua forma - era republicano ou monárquico. Quando o Estado era monárquico, o poder era reconhecido a uma só pessoa; quando era republicano, reconhecia-se mais ou menos a participação de representantes eleitos pela sociedade senhorial. Isto acontecia na sociedade feudal. A sociedade feudal representava uma divisão de classe na qual a enorme maioria, os camponeses servos, se encontrava na completa dependência de uma minoria insignificante, os latifundiários, que eram os donos da terra.

O desenvolvimento do comércio, o desenvolvimento da troca de mercadorias, conduziu à formação de uma nova classe: os capitalistas. O capital surgiu em fins da Idade Média,

quando o comércio mundial, depois do descobrimento da América, alcançou um enorme desenvolvimento, quando aumentou a quantidade de metais preciosos, quando a prata e o ouro se tornaram instrumentos de troca, quando a circulação monetária permitiu a acumulação de enormes riquezas nas mãos de uma só pessoa. A prata e o ouro foram reconhecidos como riqueza em todo o mundo. As forças econômicas da classe feudal decaíam e desenvolvia-se a força da nova classe, a classe dos representantes do capital. A reorganização da sociedade verificou-se de tal modo que todos os cidadãos se tornaram como que iguais, de tal modo que desapareceu a antiga divisão em escravistas e escravos e todos eram considerados iguais perante a lei, independentemente do capital que cada um possuía - tanto aqueles que possuíam a terra em propriedade privada como aqueles que não possuíam nada senão a força de seus braços - todos são iguais perante a lei. A lei protege todos por igual, protege a propriedade dos que a têm dos atentados contra a propriedade por parte da massa que, não tendo propriedade nenhuma, não tendo nada além dos seus braços, gradualmente cai na miséria, se arruina e transforma em massa proletária. Tal é a sociedade capitalista.

Não posso deter-me em pormenor nesta questão. Ainda voltareis a ela quando discutirdes o programa do partido, então ouvireis uma caracterização da sociedade capitalista. Esta sociedade ergueu-se contra o feudalismo, contra o velho regime de servidão, com a palavra de ordem de liberdade. Mas era a liberdade para os proprietários. E quando o regime de servidão foi destruído, o que aconteceu em fins do século XVIII e princípios do século XIX, e na Rússia mais tarde que nos outros países, em 1861 - então o Estado feudal foi substituído pelo Estado capitalista, que proclama como sua palavra de ordem a liberdade para todo o povo e diz exprimir a vontade de todo o povo, negando ser um Estado de classe, e desenvolve-se então entre os socialistas, que lutam pela liberdade de todo o povo, e o Estado capitalista, uma luta que conduziu agora à formação da República Socialista Soviética e que abrange todo o mundo.

Para compreender a luta iniciada contra o capital mundial, para compreender a essência do Estado capitalista é necessário recordar que o Estado capitalista, ao erguer-se contra o Estado feudal, se lançou no combate com a palavra de ordem de liberdade. A abolição do regime de servidão significava para os representantes do Estado capitalista a liberdade e era-lhes favorável, porquanto o regime de servidão se decompunha e os camponeses obtinham a possibilidade de possuir em propriedade plena a terra que tivessem comprado por meio de resgate, ou as parcelas, por meio do pagamento do imposto, o que pouco importava ao Estado: ele protegia a propriedade, qualquer que fosse a sua origem, pois ele assentava na propriedade privada. Em todos os Estados civilizados modernos, os camponeses transformavam-se em proprietários privados. O Estado protegia a propriedade privada também onde o latifundiário dava uma parte da terra ao camponês, recompensando-o por meio do resgate, por meio da venda por dinheiro. O Estado como que declarava: conservaremos plenamente a propriedade privada, e prestava-lhe toda a espécie de apoio e proteção. O Estado reconhecia essa propriedade a qualquer comerciante, industrial e fabricante. E esta sociedade, baseada na propriedade privada, no poder do capital, na completa subordinação de todos os operários e das massas trabalhadoras do campesinato não possidentes, esta sociedade proclamava que a sua dominação estava baseada na liberdade. Ao lutar contra o regime da servidão, declarava livre a propriedade e orgulhava-se particularmente do fato de o Estado ter pretensamente deixado de ser um Estado de classe.

Entretanto, o Estado continuava a ser como antes a máquina que ajudava os capitalistas a manter submetidos o campesinato pobre e a classe operária, mas aparentemente era livre. O Estado proclama o sufrágio universal, e através dos seus partidários, pregadores, sábios e filósofos declara que não é um Estado de classes. Mesmo

atualmente, quando se iniciou a luta contra ele das repúblicas socialistas soviéticas, acusam-nos de sermos violadores da liberdade, de criarmos um Estado baseado na coação, na repressão de uns por outros, enquanto eles representariam um Estado de todo o povo, democrático. E esta questão, a questão do Estado, atualmente, na época do início da revolução socialista em todo o mundo, precisamente na época da vitória da revolução em vários países, em que se agudizou particularmente a luta contra o capital mundial - a questão do Estado adquiriu a máxima importância e, poderíamos dizer, transformou-se na questão mais aguda, no foco de todas as questões políticas e todas as controvérsias políticas da atualidade.

Qualquer que seja o partido que tomemos, tanto a Rússia como de qualquer outro país mais civilizado, quase todas as controvérsias, divergências e opiniões políticas giram agora em torno do conceito de Estado. Será o Estado num país capitalista, numa república democrática - especialmente numa república como a Suíça ou a América - nas repúblicas democráticas mais livres, será o Estado a expressão da vontade popular, a resultante das decisões de todo o povo, a expressão da vontade nacional, etc., ou será o Estado uma máquina destinada a permitir aos capitalistas desses países a possibilidade de manter o seu poder sobre a classe operária e o campesinato? Esta é a questão fundamental, em torno da qual giram atualmente as controvérsias políticas em todo o mundo. Que é que se diz do bolchevismo? A imprensa burguesa injuria os bolcheviques. Não encontrareis um único jornal que não repita a acusação corrente contra os bolcheviques de que violam o poder do povo. Se os nossos mencheviques e socialistas-revolucionários, por simplicidade de espírito (e talvez não seja por simplicidade de espírito, a menos que seja por essa simplicidade de espírito da qual se diz que é pior que o roubo), pensam que são os descobridores e inventores da acusação de que os bolcheviques violaram a liberdade e o poder do povo, enganam-se da maneira mais ridícula. Não existe atualmente um único dos mais ricos jornais dos países mais ricos, que gastam dezenas de milhões na sua difusão e que em dezenas de milhões de exemplares semeiam a mentira burguesa e a política imperialista, não há um único desses jornais que não repita esses argumentos e acusações fundamentais contra o bolchevismo: que a América, a Inglaterra e a Suíça são Estados avançados, baseados no poder do povo, enquanto a república bolchevique é um Estado de bandidos, que não conhece a liberdade, e que os bolcheviques violam a idéia do poder do povo e chegaram mesmo ao extremo de dissolver a Constituinte. Estas terríveis acusações contra os bolcheviques repetem-se em todo o mundo. Estas acusações levam-nos diretamente à questão: o que é o Estado? Para compreender essas acusações, para se orientar nelas e tomar em relação a elas uma atitude completamente consciente, não se orientando unicamente pelos rumores, mas tendo uma opinião firme, é preciso compreender claramente o que é o Estado. Temos aqui Estados capitalistas de toda a espécie e as mais variadas doutrinas em sua defesa que foram criadas antes da guerra. Para abordar acertadamente a solução da questão é necessário ter uma atitude crítica em relação a todas essas doutrinas e concepções.

Já vos disse que a obra de Engels *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* vos poderia servir de ajuda. Aí se diz precisamente que qualquer Estado em que exista a propriedade privada sobre a terra e os meios de produção e em que domine o capital, por mais democrático que ele seja, é um Estado capitalista, é uma máquina nas mãos dos capitalistas para manter submetidos a classe operária e o campesinato pobre. E o sufrágio universal, a Assembléia Constituinte, o Parlamento, são apenas a forma, uma espécie de letra de câmbio, que em nada altera o fundo da questão.

A forma de dominação do Estado pode ser diversa: o capital manifesta a sua força de uma maneira onde existe uma forma, e de outra onde existe outra forma, mas, na essência, o poder continua nas mãos do capital, quer exista o sufrágio censitário ou

outro, quer exista uma república democrática, e mesmo quanto mais democrática ela for tanto mais grosseira e cínica é essa dominação do capitalismo. Uma das repúblicas mais democráticas do mundo são os Estados Unidos da América e em nenhum outro país como neste (quem ali tenha estado depois de 1905 ter-se-á seguramente percebido disso), em parte nenhuma o poder do capital, o poder de um punhado de multimilionários sobre toda a sociedade se manifesta de forma tão grosseira, como tão aberta corrupção como na América. O capital, uma vez que existe, domina toda a sociedade, e nenhuma república democrática, nenhum direito eleitoral, modifica a essência do problema.

A república democrática e o sufrágio universal, em comparação com o regime feudal, constituíram um enorme progresso: deram a possibilidade ao proletariado de atingir a união e a coesão que ele tem, de construir as fileiras harmoniosas e disciplinadas que travam uma luta sistemática contra o capital. Nada de semelhante, mesmo aproximadamente, tinha o camponês servo, sem falar já dos escravos. Os escravos, como sabemos, sublevavam-se, organizavam motins, desencadeavam guerras civis, mas jamais puderam criar uma maioria consciente, partidos que dirigissem a luta, nem puderam compreender com clareza que objetivos perseguiram, e mesmo nos momentos mais revolucionários da história revelaram-se sempre peões nas mãos das classes dominantes. A república burguesa, o parlamento, o sufrágio universal, tudo isso constitui, do ponto de vista do desenvolvimento mundial da sociedade, um enorme progresso. A humanidade caminhava para o capitalismo, e só o capitalismo, graças à cultura urbana, deu a possibilidade à classe oprimida dos proletários de adquirir consciência de si mesma e de criar o movimento operário mundial, de organizar milhões de operários de todo o mundo em partidos, os partidos socialistas, que dirigem conscientemente a luta de massas. Sem parlamentarismo, sem eleições, este desenvolvimento da classe operária teria sido impossível. Eis porque, aos olhos das mais amplas massas, tudo isso adquiriu uma importância tão grande. Eis porque essa viragem radical parece tão difícil. Não são apenas hipócritas conscientes, sábios e padres que apoiam e defendem esta mentira burguesa de que o Estado é livre e se destina a defender os interesses de todos, mas também uma quantidade de pessoas que repetem sinceramente os velhos preconceitos e não podem compreender a passagem da velha sociedade capitalista para o socialismo. Não só as pessoas que se encontram diretamente dependentes da burguesia, não só aqueles que se encontram sob o jugo do capital ou os que foram subornados por este capital (o capital tem ao ser serviço uma quantidade de toda a espécie de sábios, artistas, padres, etc.), mas também pessoas que se encontram simplesmente sob a influência dos preconceitos da liberdade burguesa, todos estes se ergueram em todo o mundo contra o bolchevismo, pelo fato de que, com a sua fundação, a República Soviética repudiou essa mentira burguesa e declarou abertamente: vós chamais livre ao vosso Estado, mas na realidade, enquanto existir propriedade privada, o vosso Estado, ainda que seja uma república democrática, não é mais do que uma máquina nas mãos dos capitalistas para reprimir os operários, e quanto mais livre for o Estado com tanto maior clareza isto se exprime. Um exemplo disto é a Suíça na Europa, e os Estados Unidos da América do Norte na América. Em nenhuma outra parte o capital domina tão cínica e implacavelmente e em nenhuma outra parte isto é visível com tanta clareza como nesses países, apesar de serem repúblicas democráticas, por muito elegantemente pintadas que estejam, e apesar de todas as palavras sobre a democracia do trabalho, sobre a igualdade de todos os cidadãos. De fato, na Suíça e na América domina o capital, e todas as tentativas dos operários para conseguirem uma melhoria minimamente séria da sua situação deparam imediatamente com a guerra civil. Nestes países há menos soldados, o exército permanente é menor - na Suíça existe uma milícia, e cada suíço tem uma espingarda em sua casa, na América não havia até nos últimos tempos exército permanente - e, por isso, quando se verifica uma greve, a burguesia arma-se, contrata soldados e reprime a greve, e em parte

nenhuma esta repressão do movimento operário é tão implacavelmente feroz como na Suíça e na América, em nenhuma outra parte se reflete no parlamento uma tão grande influência do capital como precisamente aqui. A força do capital é tudo, a Bolsa é tudo, e o parlamento e as eleições são marionetes, fantoches . . . Mas quanto mais tempo passa, mais claramente os operários vêm e tanto mais amplamente se difunde a idéia do Poder Soviético, sobretudo depois da sangrenta carnificina por que acabamos de passar. Torna-se cada vez mais clara para a classe operária a necessidade de uma luta implacável contra os capitalistas.

Quaisquer que sejam as formas com que se encubra a república, mesmo a república mais democrática, se ela é burguesa, se nela continua a existir a propriedade privada da terra e das fábricas e se o capital privado mantém na escravidão assalariada toda a sociedade, isto é, se não se realiza nela aquilo que é proclamado pelo programa do nosso partido e pela Constituição soviética, esse Estado é uma máquina para oprimir uns pelos outros. E essa máquina colocá-la-emos nós nas mãos da classe que deve derrubar o poder do capital. Rejeitaremos todos os velhos preconceitos de que o Estado é a igualdade geral, isso é um engano: enquanto existir a exploração, não pode haver igualdade. O latifundiário não pode ser igual ao operário, o faminto ao saciado. Esta máquina chamada Estado, perante a qual as pessoas se detêm com um respeito supersticioso e acreditam nas velhas histórias segundo as quais ele é o poder de todo o povo, o proletariado rejeita esta máquina e diz: isto é uma mentira burguesa. Nós arrebatamos essa máquina aos capitalistas e apropriamo-nos dela. Com essa máquina ou porrete destruiremos toda a exploração, e quando não houver no mundo a possibilidade de explorar, quando não houver proprietários de terras, proprietários de fábricas, não acontecer que uns se saciam enquanto outros sofrem fome, só quando não houver possibilidade disto lançaremos essa máquina para o ferro-velho. Então não haverá Estado, não haverá exploração. Este é o ponto de vista do nosso partido comunista. Espero que nas conferências seguintes voltemos a esta questão mais de uma vez.

[*] Conferência pronunciada na Universidade Sverdlov em julho de 1919, publicada no Pravda em janeiro de 1929. Aqui reproduzimos apenas os trechos inicial e final dessa Conferência.

[1] Corrente considerada pequeno-burguesa, surgida da cisão ocorrida por ocasião do II Congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), realizado em 1903. Nesse Congresso o Partido se dividiu em duas alas: a ala revolucionária formada por partidários de Lênin e a ala oportunista liderada por Márto. Na eleição para os órgãos centrais do partido, a ala leninista obteve a maioria dos votos enquanto a ala oportunista ficou em minoria. Daí a origem da designação de bolcheviques (de "bolchinstvó", maioria em russo) dada aos partidários de Lênin e a de mencheviques (de "menchinstvó", minoria em russo) como ficaram conhecidos os adeptos de Márto. Congregando a maioria da intelectualidade socialista, os mencheviques não aceitavam o programa da maioria revolucionária do POSDR, se posicionando contra a hegemonia do proletariado na revolução e defendendo uma aliança com a burguesia liberal. Acreditavam que a sociedade chegaria ao socialismo por evolução natural. Chegaram a fazer parte do Governo Provisório da burguesia após a revolução democrático-burguesa de fevereiro de 1917. (*Nota MS*)

[2] Membros do Partido Socialista Revolucionário, partido pequeno-burguês surgido na Rússia entre 1901 e 1902. De início formado por camponeses que adotavam o terrorismo como prática revolucionária, suas fileiras foram engrossadas com o ingresso de vários

grupos de esquerda e até mesmo de militantes que nunca tinham sido socialistas. Os socialistas-revolucionários, juntamente com os mencheviques, fizeram parte do Governo Provisório burguês instituído em fevereiro de 1917. (*Nota MS*)